O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1997

Frederico Rozário



CENA DE "O INTERROGATÓRIO", peça passada num tribunal durante o julgamento dos responsáveis por Auschwitz

Uma atualidade disfarçada dos campos de concentração

Luiz Fernando Lobo dirige 'O interrogatório', de Peter Weiss

Luiz Fernando Vianna

Em 1970, um elenco encabeçado por Fernanda Montenegro representava "O interrogatório" debaixo de ameaças de bomba. Hoje, a peça de Peter Weiss não serve mais como protesto contra um momento político conturbado, mas o diretor Luiz Fernando Lobo, que a remonta a partir de 1º de agosto no Teatro da Aliança Francesa de Botafogo, aposta na sua atualidade.

Um exemplo: quando ele mostrou aos atores imagens que seriam projetadas no espetáculo, muitos deles não conseguiram diferenciar cenas do campo de concentração de Auschwitz com as de mendigos do Rio de hoje.

— Muitas pessoas sobreviveram aos campos, mas os campos também sobreviveram — traduz Luiz Fernando a idéia básica da peça, baseada no julgamento dos responsáveis por Auschwitz. — Além do formato dos campos, que ainda existem na Ruanda e na Bósnia, há a lógica do extermínio, que faz parte do processo de produção capitalista. Os campos nazistas foram a expressão mais bem acabada desse processo.

Prisioneiros só entendiam lógica no momento da morte

Luiz Fernando justifica a afirmação: os campos usavam mão-de-obra escrava e, quando ela já estava gasta, era enviada para as câmaras de gás, sendo que partes suas ainda eram aproveitadas: os cabelos para se produzir feltros e as roupas para a indústria têxtil.

— Peter Weiss mostra que os prisioneiros só entendiam completamente a lógica do sistema quando já estavam na torre do forno crematório e era tarde demais — diz o diretor. — O público pode entender essa lógica ao longo da peça e ver que ela não é distante de nós. Afinal, nos campos, os que tinham melhor saúde ou compactuavam com aquele sistema eram os que tinham mais chance de sobreviver.

"O interrogatório" é a melhor expressão do teatro documentário, movimento que teve força na Alemanha ao criar peças a partir de dados reais. Peter Weiss usou somente palavras dos autos do processo ocorrido em 1964 e 1965 para criar sua peça, dividida em 11 cantos, cada qual com três partes, revivendo a estrutura do inferno da "Divina comédia", de Dante. Os acusados, as testemunhas e o juiz do espetáculo são interpretados por 20 atores da Cia. Ensaio Aberto, que fez no ano passado "A mãe", de Brecht. ■